

71. “Onde se afirma que a filosofia só se faz em alemão, Lélia [González (1935-1994)] afirma o pretuguês e o complexo não de Édipo, mas do alemão, como modo de subverter e rir, por que não, do que a norma culta cultua, pretensamente erudita, porque *eurodita*. Nessa ‘chamada América Latina que, na verdade, é muito mais ameríndia e amefricana do que outra coisa’ (Gonzalez, 1988), como saca Lélia, negrita-se o necessário compromisso de aproximar-se de outros referenciais para forjar uma filosofia capaz de pensar as questões que nos afetam desde as experiências situadas de reexistência da práxis negro-indígena, historicamente anuladas e deslegitimadas.”

REIS, Diego dos Santos. Lélia Gonzalez, Por uma Filosofia Amefricana. *Anais do IV Congresso de Pesquisadores/as Negros/as*, 2023.

Segundo Diego dos Santos Reis, para a filósofa Lélia González,

- A) como só é possível filosofar em alemão, não pode haver uma filosofia baseada numa língua inculta, tal o português brasileiro.
- B) a experiência social, cultural e étnico-racial brasileira precisa ser pensada também com base em nossa formação linguístico-cultural.
- C) a formação do pensamento filosófico independe de marcas linguísticas, culturais e raciais, pois a filosofia é sempre universal.
- D) precisamos recusar a filosofia e a psicanálise, e começar a fazer uma história das existências e resistências de negros e indígenas.

Assunto: Filosofia no Brasil - Lélia Gonzales

Comentário: A proposta central de Lélia Gonzalez é (re)construir uma filosofia a partir das experiências culturais e linguístico-históricas da sociedade brasileira, marcadamente influenciada por elementos africanos e indígenas. O conceito de "pretuguês" sintetiza essa ideia ao valorizar as contribuições linguísticas africanas na formação do português falado no Brasil, subvertendo a hegemonia eurocêntrica e propondo novas formas de pensar nossa realidade sociocultural. Assim, a filósofa aponta para a necessidade de uma abordagem que conecte os referenciais filosóficos às vivências concretas de grupos historicamente marginalizados, promovendo um olhar crítico e inclusivo sobre nossa formação identitária e cultural.

Item: B